

Entrevista com a Prof^a Marly Bulcão Lassance Britto que atualmente exerce atividades de ensino, pesquisa e orientação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro com uma Bolsa da FAPERJ de Pesquisador Emérito.

EF Revista: A Senhora é umas das maiores referências no Brasil quando se fala em Gaston Bachelard. Qual a importância desse filósofo na história da filosofia, tendo em vista as críticas que o mesmo faz aos filósofos da tradição?

Prof^a Marly Bulcão: Poderia responder, como muitos de seus intérpretes, que a importância de Bachelard advém do fato de ser um filósofo que conseguiu expressar as transformações sofridas pela ciência do século XX e que propôs uma nova concepção de imaginação. Mas prefiro ressaltar que a importância de Bachelard está justamente no fato de se apresentar como um *filósofo rural*, que, pelo fato de ser proveniente da região “chamenoise” francesa e de ter vivido sua infância em contato com os bosques e rios de Bar-sur-Aube, impõe, àqueles que se dedicam ao estudo de sua obra, nova atitude de pensar e de apreender o mundo, exaltando a interação dinâmica entre o homem e a materialidade e concretude das coisas que nos rodeiam. Nesse sentido, a concepção bachelardiana de razão e a de imaginação são originais, pois renegam o *ocularismo*, que, privilegiando o olhar, torna o homem passivo diante do mundo.

EF Revista: Gaston Bachelard iniciou-se como epistemólogo e, depois, voltou-se para a poética. Como a Senhora vê essa mudança, podemos dizer que há duas vertentes dentro da obra do filósofo? A Senhora acredita que um período se sobreponha ao outro, posto que muitos autores considerem apenas o Bachelard epistemólogo e acabam por renegar o Bachelard da poética?

Prof^a Marly Bulcão: Tenho contato com pesquisadores de Bachelard do mundo inteiro. É interessante ressaltar que formam um grupo de intelectuais bastante peculiar, pois se, de um lado, são pesquisadores sérios e dedicados ao aprofundamento da obra do filósofo, de outro, são dotados de uma gentileza e de uma alegria contagiante. Por causa disso, os colóquios sobre o pensamento de Bachelard são sempre muito agradáveis. Neles a troca de idéias é alternada com jantares à luz de velas nos melhores restaurantes franceses, onde se pode sentir a amizade e a proximidade que une os pesquisadores.

Mas, quando a questão da unidade da obra bachelardiana há sempre muita divergência e a discussão se torna bem acirrada, pois há divergências entre os especialistas do filósofo.

Uns defendem a cisão em dois Bachelard, um epistemólogo e outro poético, enquanto outros defendem veementemente a unidade da obra. Quanto a mim, tenho uma perspectiva bem específica e que tem levado, muitas vezes à intensas e acaloradas discussões nos colóquios dos quais participei, apesar de tudo acabar em festa. Afirmo a unidade da obra, apontando as categorias que são inerentes às duas vertentes, mas, diferentemente de outros bachelardianos, ênfase e procuro demonstrar em meus trabalhos que a unidade da obra é, na verdade, uma unidade em tensão, ou seja, uma unidade que se fundamenta na existência dos opostos, pois tem como base a polaridade das duas vertentes que são, ao mesmo tempo, contraditórias e complementares. A meu ver, nenhuma vertente se sobrepõe a outra e estou segura de que, para se ter um conhecimento profundo e abrangente da obra de Bachelard, é necessário ter um conhecimento profundo das obras epistemológicas e poéticas desse pensador instigante.

EF Revista: Por que Bachelard é tão pouco estudado no Brasil, e quanto disso deve-se às críticas que o filósofo fez à tradição ao longo de sua obra?

Profª Marly Bulcão: Até nisso, Bachelard se apresenta como um filósofo peculiar, pois o estudo de sua obra tem altos e baixos, não só no Brasil, mas no mundo inteiro e na própria França que é seu país de origem. Para que vocês tenham uma idéia, nas estatísticas feitas pelo *Centre Gaston Bachelard da Université de Bougogne* e pela *Association des Amis de Gaston Bachelard*, os países, nos quais existem mais trabalhos publicados sobre o filósofo, tirando a França, são o Brasil e a Coréia. No momento o estudo de Bachelard está em ascensão no mundo inteiro. São inúmeros os países, nos quais a obra bachelardiana é estudada em grandes Centros. Podemos citar alguns: a Itália, a Suíça, a Inglaterra, a Rússia, a Romênia (em 2009 publiquei um artigo em uma revista romena), o Japão, no Brasil, o México, Portugal e os Estados Unidos. Para corroborar o que acabei de afirmar, é importante dizer aqui que em 2011, por exemplo, vão ser realizados diversos colóquios sobre o pensamento de Bachelard. Fui convidada para cinco encontros: em Bar-sur-Aube, em Dijon, em Lyon, em Milão e em Salvador no Brasil.

EF Revista: A Senhora é reconhecida no mundo inteiro como uma grande especialista em Bachelard. Tem vários artigos e livros publicados no exterior e acaba de lançar mais um livro na França. Quanto desse reconhecimento a Senhora vê perder-se em seu próprio país – até mesmo dentro de sua própria instituição -, de outra forma, como a Senhora vê o reconhecimento do pesquisador/filósofo no Brasil? Como a Senhora vê a pressão das entidades de fomento quanto à necessidade de produção periódica exigida dos pesquisadores?

Prof^a Marly Bulcão: Acredito que são duas as questões propostas e seria melhor respondê-las separadamente. O livro a que se referiu na pergunta tem um prefácio de François Dagognet, discípulo de Bachelard e considerado, por muitos de seus intérpretes, como um continuador do pensamento do mestre. No prefácio Dagognet apresenta o que denomina de “Mapa Filosófico do Mundo”, no qual situa as perspectivas predominantes hoje em dia no mundo. Segundo ele, são “*quatro continentes (desiguais quanto a sua extensão): o neopositivismo (inspirado pela América e suas análises cognitivas), o positivismo moribundo, a epistemologia tradicional com sua “secura” e abstração e o Bachelardismo irradiante que constitui ainda uma República ou uma ilha.* Dagognet acrescenta a seguir o seguinte (o que me deixou muito satisfeita): *mas Marly Bulcão lhe promete o Futuro.* Refletindo sobre as palavras de Dagognet, pude concluir que se torna difícil para autores, como Bachelard que se impõem como críticos da tradição encontrar um lugar dentre tais continentes fechados e sistêmicos. Bachelard, um pensador que dramatizou a trajetória científica, através da categoria de ruptura; um pensador que nos ensinou o direito de sonhar só pode ser aceito por aqueles que se abrem ao diálogo e conseguem mergulhar corporalmente no processo imagético e criador vivenciado pelo artista. Devo acrescentar, no entanto, que no Brasil há vários estudiosos do pensamento bachelardiano, proveniente da filosofia e de outras áreas do saber como a psicologia, a física, a pedagogia, etc e sempre fui muito prestigiada por todos eles que me convidam com bastante frequência para os encontros que organizam.

Quanto a outra questão, gostaria de dizer que ela tem sido bastante debatida no meio acadêmico, principalmente pelos pesquisadores da área de ciências humanas. Concordo que deva haver um meio de medir a produção dos professores e pesquisadores para que alguns poucos não trabalhem pelos outros, mas, o importante é encontrar critérios de avaliação da qualidade das publicações e isso tem sido uma preocupação constante de todos os professores, independente de suas tendências filosóficas.

EF Revista: Como está sendo para a Senhora voltar a dar aulas no IFCH da UFRJ, onde seu grande mestre, o bachelardiano José Américo Pessanha, lecionou? Como é então, voltar a esta casa que por muito tempo lhe acolheu e faz parte da sua história? Quais suas expectativas quanto à volta ao Largo de São Francisco? Lembrando é claro, que não fique muito tempo longe da UERJ, pois sua presença em nossa instituição é imprescindível.

Profª Marly Bulcão: Foi com grande satisfação que aceitei o convite do Departamento de Filosofia e da Pós-Graduação em Filosofia para dar um curso de um semestre sobre Gaston Bachelard: crítico da tradição. É com emoção que retorno ao IFCS, onde tive minha formação filosófica (na época era a Faculdade Nacional de Filosofia) e, onde depois fui professora por muitos anos e, onde hoje, tenho a satisfação de dizer, estuda história, minha neta Renata. Pretendo, com o curso que darei na pós-graduação, contribuir, cada vez mais, para a divulgação do pensamento bachelardiano e convidar os estudantes que ainda não tiveram a oportunidade de fazê-lo, a lerem as obras de Bachelard. Mas, devo ressaltar que meu vínculo hoje é com a UERJ, onde tenho duas turmas de graduação e diversos orientandos de Iniciação Científica, de Mestrado e de Doutorado, com os quais partilho não só, o trabalho de pesquisa, mas uma convivência harmoniosa e plena de momentos de alegria.

Gostaria, inclusive, de encerrar esta entrevista, agradecendo a Sub-Reitoria da UERJ, o Departamento de Filosofia, a Pós-Graduação em Filosofia e o IFCH da UERJ e, em especial a FAPERJ, pela obtenção no dia 1 de agosto de 2010 da Bolsa de Pesquisador Visitante Emérito, o que me deixou muito satisfeita, e, sobretudo honrada, pois considero como ato de reconhecimento da minha contribuição acadêmica para o ensino e a pesquisa em filosofia. Não poderia deixar de agradecer também, a vocês estudantes da UERJ e da UFRJ, sem os quais não poderia ter trilhado este caminho e superado os obstáculos que, por não serem somente epistemológicos, eram mais difíceis de transpor.

Muito obrigada a *Ensaio Filosóficos* pelo convite, é sempre muito bom ter a oportunidade de expor nossas idéias.